

SÁ-CARNEIRO: NARCISO E A OBRA

Ana Tereza de Castro Santos
(UNICAMP)

"A minha alma é esguia - vibra
de se elancar. Só o meu corpo
é pesado. Tenho a minh'alma
presa num saguão.
Não sou cobarde perante o re-
do. Apenas sou cobarde em fa-
ce de mim próprio. Ai! se eu
fosse belo..."

Sá-Carneiro
"Eu-próprio, o Outro"

"Dantes beijava-me nos espelhos".¹ Com essa afirmação, o autor de Céu em Fogo revela o Narciso que habita seu íntimo. Mais do que isso, revela o drama que envolve sua existência pois, ao contrário dos seus anseios interiores, o poeta não consegue realizar a adoração por seu reflexo. Angustiado com a desarmonia de seu corpo, transbordante de excessos incômodos, Sá-Carneiro estabelece, desde logo, uma fina repulsa pela imagem que lhe é devolvida, marcando o dissonância que existe entre seus desejos e a realidade.

Dono, por vezes, de um humor lúcido extremamente sarcástico, o poeta pinta, sem pudores, o maldito reflexo que o persegue durante toda vida. É o "balfo arrotando Império astral", o "Esfinge Gorda"; é o "Rei-lua postiço"² de um reino que o marginaliza, nessa crueldade inconsciente que rege o estabelecimento de padrões estéticos.

Impossibilitado, pois, para um namoro com a própria imagem, esse jovem Narciso se vê obrigado a recorrer a paliativos que, ao menos por breves momentos, satisfaçam esta ânsia de beleza e harmonia. Utilizando-se da evasão, da excentricidade, da dispersão, o poeta busca uma outra forma de superioridade. Ele sonha-se outro, refugia-se em miragens que lhe proporcionar enleios emocionados, qualquer coisa que o

faça esquecer-se de sua tão repudiada condição. Esses enleios, no entanto, traduzem uma ímense frustração, revelando o desajuste que existe entre sonho e realidade:

"Nada me espera já, nada me vive,
Nem a tristeza nem as horas belas.
De as não ter e de nunca vir a tê-las,
Fartar-me até as coisas que não tive."³

Ainda que acorrentado a esta dicotomia, o poeta vai realizar a vivência de sua diferença. Para tanto, ele busca criar a tão ansiada beleza que lhe fora negada. Não uma beleza que se restrinja à simples perfeição das formas, mas aquela Beleza baudelaireana, que alia à harmonia física um certo ar de estranhamento, uma aura de mistério. É o que se pode perceber em diversos de seus contos. Ante do sobrenatural, do oculto, Sá-Carneiro recorta suas personagens com excessos. É uma verdadeira galeria de criaturas fantásticas - mulheres belíssimas marcadas pela desgraça, assassinos invisíveis, homens de sonho, suicidas. Todos lançados num erraranhado de brilhos fulgurantes, luzes roxas, tecidos metálicos que recendem a incenso. Transbordante de erotismo, beijos são transformados em mordidas e as carícias mais ardentes deixam marcas ruivas na pele dos amantes. Tem-se sempre a impressão de que algo violento, forte, está para irromper (ou vai ser rompido), cruzando um círculo de acontecimentos que se caracterizam pelo fantasmagórico, pelo inexplicável.

Não é, portanto, de uma beleza tranquila, harmônica, que Sá-Carneiro tem necessidade. Antes, pode-se dizer, é sobre uma beleza atormentada que ele constrói sua obra. Uma beleza entorpecente pela abundância de detalhes, extremamente ruidosos em seu esplendor, entremeados de devaneios tortuosos, pesadelos de horror. É o brilho artificioso da ribalta, rico de luzes, em oposição ao bolor fétido que escoia de poltronas rasgadas nos corredores de uma velha platéia. Desvenda-se aí a sede do poeta, que ele mesmo confirma em carta a Fernando Pessoa:

"Para mim basta-me a beleza - e mesmo errada, fundamentalmente errada. Mas beleza: beleza returbante de destaque e brilho, infinita de espelhos, convulsa de mil cores - muito verniz e muito ouro: teatro de mágicas e apoteoses com rodas de fogo e corpos nus. Medo e sonambulismo, destrambelhos sardônicos cascalhando através de tudo. Foi esta a mira de minha obra."⁴

Não é de admirar, portanto, o intenso fascínio que o teatro, o music-hall exerceram na vida e na obra deste poeta. Preso de uma terrível angústia íntima, enclausurado num corpo que, segundo ele próprio, não fora feito para guardar seu es-

pírito, Sá-Carneiro vê, na ilusão do palco, a cura momentânea para todas as suas feridas. Deixa-se levar pelo fulgor enganoso das luzes, o jogo enlouquecedor das cores, a mistura de perfumes inebriantes, a música hipnótica que rege os compassos de uma encenação. É o outro lado de sua realidade. É o sonho que ele vivencia. Longe do cotidiano, o poeta se refugia na mágica do palco e, para torná-la eterna, recria-a em sua obra. É o caso do episódio da festa da americana, tão perfeitamente descrito n' A Confissão de Lúcio:

"Uma grande sala elíptica, cujo tecto era uma elevadíssima cúpula rutilante, sustentada por colunas multicolores em mágicas volutas. Ao fundo, um estranho palco erguido sobre esfinxes bronzeadas, do qual - por degraus de mármore rosa - se descia a uma larga piscina semicircular, cheia de água translúcida. Três ordens de galerias - de forma que todo o aspecto da grande sala era o de um opulento, fantástico teatro.(...) A luz total era uma projecção da própria luz.(...) Era certo, juntamente com o ar, com o perfume roxo do ar, sorvíamos essa luz que, num êxtase eriado, numa vertigem de ascensão - se nos engolfava pelos pulmões, nos invadia o sangue, nos volvia todo o corpo sonoro".⁵

Como se fosse possível, dilatar-se aí os excessos. A hiperestesia total dos sentidos é uma constante na obra: cheiros coloridos, luzes perfumadas, visões tácteis. A literatura se configura numa instância perfeita onde o poeta expressa todas as suas sensações; purgando-se, por assim dizer, daquelas mazelas íntimas que tanto lhe corroem a alma. Campo aberto para suas fantasias, a literatura vai se apresentar como espaço único, onde Narciso, protegido pela ficção, resgata as imagens que o espelho lhe recusa. É ela a ponte que, de certa forma, vai amenizar o desnível que existe entre desejo e realidade. Em carta a Fernando Pessoa, o poeta confirma, na sua obra, o desejo secreto:

"...eu fui o que quis: a minha alma representa zebreadamente entre luas amarelas aquilo que eu quisera ser fisicamente: essa rapariga estrangeira, de unhas polidas, doida e milionária..."⁶

E é seguindo essa orientação - dada pelo próprio Sá-Carneiro - que se

pode perceber seu mundo particular e, dentro dele, apreender todo o significado que confere à palavra beleza, à "sua" beleza. Este conceito, que chega a ser quase um tema, permeia a maior parte de sua obra, dança nas formas de suas personagens, sai de seus lábios como objeto de adoração ou repúdio, é discutido em bares e cafés; está por detrás, afinal, do próprio conceito de criação artística. É o que se pode depreender do desabafo de uma de suas personagens no conto "Eu-Próprio o Outro":

"Não posso admitir as minhas idéias.
Ela parecem-me vulgares.
Não creio na minha obra.
Duvido se serei um artista.
Se eu fosse um artista seria belo.
E teria dedos longos.
E seria pálido."⁷

Em outro momento, esta afirmação transforma-se na própria razão de ser de outra figura - o Gervásio, escultor português de A Confissão de Lúcio. Extremamente belo, o artista centra sua vida no cultivo dessa experiência. Fascinado pelo próprio brilho, dono de um "corpo de esfinge em noites de luar"⁸, Gervásio não admite que a arte possa advir de um corpo que não seja, no mínimo, perfeitamente composto. Hábil conversador, o escultor desfaz, sumariamente, de qualquer obra que tenha por criador um ente menos favorecido pelos dotes físicos e oratórios. Suas declarações a respeito de Balzac não deixam dúvidas com relação à sua crença:

"- Porque isto, meu amigo, de se chamar artista, de se chamar homem de gênio, a um patusco obeso como o Balzac, corcovado, aborrecido, e que é vulgar na sua conversa, nas suas opiniões - não está certo; não é justo nem admissível".⁹

Narciso revela, aí, a sua dor. Mas é vingativo. Mascarado na voz de Lúcio - o narrador da estória - Sá-Carneiro engendra uma amarga brincadeira particular. Caracteriza Gervásio, pouco a pouco, como uma criatura frívola, ofuscada pela própria aparência, mas insegura quanto ao próprio valor, sempre se apoiando em atitudes falsas e frases de efeito. Um homem infeliz, que não se apercebe da beleza que o rodeia. Por último, implacável, Sá-Carneiro desfeca o golpe terrível: Gervásio é um artista medíocre. Suas esculturas não são apreciadas. Nunca será reconhecido e aplaudido. Consciente dos próprios fracassos, o escultor acaba por atirar-se debaixo de um trem em Lisboa. Está consumada a vingança do Narciso traído.

Caberia aí uma pergunta: será que o autor se utilizou deste estratagema como um meio de questionar a respeito da relevância da beleza do artista, da relevân-

cia da beleza física em si? Levado por outras crenças talvez tenha se decidido, afinal, pela total não interferência da perfeição física do autor na obra de arte. Indo mais além, talvez tenha até se curado de suas próprias feridas. Mas, não me parece assim. A quase totalidade de seus escritos faz alusões frequentes a essa frustração, basta considerar as que já foram mencionadas anteriormente. Claro que a discussão sobre o fazer artístico e o conceito de criação levam a perspectivas bem mais amplas do que estas que estão sendo colocadas. Quanto a este ponto seria melhor deixar claro que, por hora, o objetivo deste artigo resume-se, unicamente, em acompanhar a trajetória de um Narciso em busca da própria beleza.

Voltando à Confissão de Lúcio, uma outra figura vai-se apresentar para confirmar as angústias íntimas de Narciso e, mais do que isso, para resgatá-las.

Ricardo de Loureiro é um poeta português. Desde o início a personagem é caracterizada com uma forte sensibilidade e fineza de gostos.

No entanto, Ricardo não é um homem propriamente belo. Antes, seu rosto é impreciso: agradável de determinados ângulos, distorcido de outros, decididamente feio de perfil. Mas isso não significaria nada se a ele não se aliasse, também, um intenso desejo de beleza. E é a voz de Narciso que se faz ouvir pela boca da personagem:

"Ah! como eu me trocava pela mulher linda que ali vai... Ser belo! Ser belo!... ir na vida fulvamente... ser pajem na vida... Haverá triunfo mais alto?..."¹⁰

Ansiando ser o que não era, Ricardo narra ao companheiro Lúcio um episódio que o marcara profundamente: ao passear pelos bulevares de Paris, fora abordado por duas costureirinhas que o elogiaram, comentando - "Sabes que és um lindo rapaz?"¹¹. Foi este o dia mais glorioso de sua vida, quando realmente viu satisfeitas as suas aspirações. Não é esta a glória de Narciso? Ver a admiração refletida nos rostos dos que o rodeiam? Mesmo que estes rostos pertençam a meras costureirinhas, pessoas com pouca instrução, cujos parâmetros de beleza, talvez, não sejam tão exigentes. Mas Narciso, na figura da personagem, acalenta essa imagem com carinho, terminando por declarar:

"Essa tarde foi a mais bela recordação da minha vida!...
Meu Deus! Meu Deus! Como em vez deste corpo dobrado, este rosto contorcido - eu quisera ser belo, esplendidamente belo! E nessa tarde, fui-o por instantes, acredito..."¹²

Esses instantes, no entanto, frágeis pela sua perenidade, podem, e vão

ser cristalizados no eterno. Ricardo, à semelhança de Sê-Carneiro, vai buscar sua beleza na criação. O que é a obra de arte senão uma parte do próprio artista? O companheiro de Fernando Pessoa lhe afirma isso em carta, o autor d' A Confissão de Lúcio traduz o desejo em realidade, quando Ricardo constrói, 'materialmente', o reflexo tão ansiado. Num momento sublime, a personagem cria Marta. Não um poema, um conto, uma novela. Mas uma verdadeira mulher. Obra-prima de um grande poeta. Marta só existe a partir de Ricardo e concentra, em si, todos os seus desejos secretos: beleza, mistério, sedução:

"Uma noite, porém, finalmente, uma noite fantástica de branca, triunfei! Achei-A... sim, ciei-A! criei-A... Ela é só minha entendes? - é só minha!... Compreenderemos tanto que Marta é como se fora a minha própria alma. Pensamos da mesma maneira; igualmente sentimos. Somos nós-dois... (...) Eis o meu triunfo... Triunfo inigualável! Grandioso segredo!..."¹³

Ter-se aí um verdadeiro prodígio de literatura fantástica. Um mistério realmente terrível no seu assombro, que só a mão de um mestre poderia tecer. Ao poeta é dado o poder divino, o poder da criação. Como Rimbaud teve suas visões, Ricardo teve Marta e Sê-Carneiro a sua obra - o reflexo ideal de um Narciso frustrado, a ponte que irá mediar o sonho e a realidade. O autor d' A Confissão de Lúcio o concebeu. Como a obra, a imagem virtual do espelho não deixa de ser uma ilusão, mas Narciso pode, sem receios, 'roubar' ao amigo e confidente algumas frases de Mensagem:

"... da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus."

NOTAS

1. In Céu em Fogo, p. 161.
2. In Poesias, p. 166.
3. *Idem*, p. 73.
4. In Cartas a Fernando Pessoa, vol. II, p. 71.
5. In A Confissão de Lúcio, pp. 40-41.

6. In Cartas a Fernando Pessoa, p. 173.
7. In Céu em Fogo, p. 161.
8. In A Confissão de Lúcio, p. 22.
9. Idem, p. 31.
10. Idem, p. 66.
11. Idem, p. 67.
12. Idem, p. 67.
13. Idem, p. 155.

Obras de Sá-Carneiro Consultadas:

- . A Confissão de Lúcio, Atica, Lisboa, 1973.
- . Cartas a Fernando Pessoa, vol. I e II, Atica, Lisboa, 1979.
- . Céu em Fogo, Europa-América, Portugal, 1985.
- . Poesias, Atica, Lisboa, 1978.

BIBLIOGRAFIA

FIGUEIREDO, João P. - A Morte de Sá-Carneiro, Dom Quixote, Lisboa, 1983.

ROCHA, C. - Mário de Sá-Carneiro, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1985.